**A responsabilidade das religiões na crise da globalização. Artigo de Paolo Naso**

"As religiões não são 'naturalmente' vias de paz; pelo contrário, a história europeia conta-nos o quanto elas tiveram generosamente e convictamente se dedicado à [guerra](https://www.ihu.unisinos.br/617426-quando-a-guerra-nao-e-mais-justa-as-interpretacoes-da-igreja-durante-a-historia-artigo-de-daniele-menozzi). No entanto, sabemos que em certos momentos agiram pela paz e que dispõem de um *soft power*, um 'poder' que não se mede com tanques nem com dispositivos de dissuasão ou com a largura das fronteiras. É a força que deriva da sua **autoridade moral**, da sua coerência no **apoio aos últimos**, do fato de milhões de pessoas, talvez infringindo a lei, rezarem e louvarem a Deus, da sua capacidade de ver e anunciar um mundo e um futuro que outros nem conseguem imaginar", escreve [Paolo Naso](https://www.ihu.unisinos.br/620153-uma-sentenca-que-divide-as-igrejas-artigo-de-paolo-naso), sociólogo italiano da Comissão de Estudos da **Federação das Igrejas Evangélicas** na **Itália** e professor da **Universidade de Roma “La Sapienza”**, em artigo publicado por **Esodo**, 18-11-2022. A tradução é de **Luisa Rabolini**.

**Eis o artigo.**

Discute-se a **crise da globalização**. É uma tese que partilho e que nos deveria levar a repensar o grande processo econômico e político que tem caracterizado as últimas décadas. A delegação de poderes próprios dos Estados a organismos supranacionais de origem, a abertura de **mercados**, a superação de **bloqueios militares** marcaram um tempo que, idealmente, podemos fixar entre o nascimento das **Nações Unidas** e a crise dos mercados financeiros que atingiu seu ápice em [2008](https://www.ihu.unisinos.br/597681-por-que-a-crise-atual-tem-pouco-a-ver-com-a-de-2008).

Nesse longo período, a [globalização](https://www.ihu.unisinos.br/623870-a-globalizacao-contemporanea-nos-leva-a-guerra-e-a-novas-formas-de-fascismo-entrevista-com-maurizio-lazzarato" \t "_blank) foi celebrada e até idolatrada como o processo que reduziria os conflitos, ampliaria as fronteiras e promoveria os direitos humanos.

Depois percebemos que as coisas eram diferentes e que, se as mercadorias eram livres para circular, isso produzia um **terrível impacto ambiental** que desarraigava plantações e culturas, que produzia **poluição** e gerava nova **exploração**. Quanto aos **direitos**, não só não eram globalizados como efetivamente eram adotadas medidas que limitavam a circulação de indivíduos e acabavam negando o direito à proteção até mesmo aos requerentes de **asilo**. Hoje a crise da globalização também se expressa em [nacionalismos e soberanismos](https://www.ihu.unisinos.br/594800-as-novas-geracoes-entenderam-a-emergencia-soberanismos-e-nacionalismos-nao-sao-a-solucao-entrevista-com-jeffrey-sachs) que celebram as identidades nacionais em contraposição às supranacionais; a especificidade étnica e religiosa em oposição à **universalidade dos direitos e dos deveres**; os interesses das pequenas pátrias em oposição aos mais gerais. Certo, portanto, assumir e denunciar a **crise da globalização**.

Essa crise manifesta-se com evidente dureza nas [políticas migratórias](https://www.ihu.unisinos.br/582988-generosidade-e-prudencia-versus-medo-e-inseguranca-as-dificuldades-da-politica-de-imigracao-na-uniao-europeia-entrevista-especial-com-pedro-vaz-patto) dos Estados, incluídos aqueles da **UE**. Em outras ocasiões falamos dos **corredores humanitários** ativados por iniciativa das igrejas evangélicas e da **Comunidade de Santo Egídio**. Sem ênfase, devemos dizer que até hoje constituíram o exemplo mais racional e avançado de gestão migratória, isto é, de gestão legal dos **fluxos migratórios**. O paradoxo insustentável reside no fato de essa iniciativa não ter sido concebida nem implementada pelas instituições – nacionais ou supranacionais – mas sim pela **sociedade civil** e, mais especificamente, por duas comunidades de fé.

Hoje, na **Europa** e também nas declarações agressivas do novo governo [Meloni](https://www.ihu.unisinos.br/622502-a-ascensao-de-meloni-na-italia-a-extrema-direita-que-nao-quer-o-papa" \t "_blank), fala-se de "vias legais e seguras" para garantir migrações ordenadas e seguras. E o que mais foram os [corredores humanitários](https://www.ihu.unisinos.br/601024-corredores-humanitarios-esmolaria-apostolica-e-santo-egidio-chegam-amanha-10-refugiados-de-lesbos)? O paradoxo reside no fato de, até agora, continuarem a ser uma boa prática e ainda não uma **política**, uma boa iniciativa, mas ainda não uma medida permanente e estrutural da ação governamental da **UE** ou da **Itália**.

Os [corredores](https://www.ihu.unisinos.br/594911-chegaram-a-roma-os-33-refugiados-trazidos-pelo-corredor-humanitario-de-lesbos-o-valor-do-acolhimento) foram uma grande aventura humanitária, que ao longo dos anos nos colocaram diante do nosso próximo nos campos de refugiados no [Líbano](https://www.ihu.unisinos.br/602164-igrejas-do-libano-apelam-a-ajuda-internacional), nos campos de concentração da [Líbia](https://www.ihu.unisinos.br/615898-libia-msf-confirma-as-violencias-migrantes-esfaqueados-e-espancados" \t "_blank); que nos fizeram conhecer garotas que desejam viver no **Afeganistão**; homens e mulheres em fuga que encontraram refúgio temporário no **Paquistão**, **Grécia** e **Etiópia**.

Hoje podemos reconhecer que essa foi também uma aventura da fé. Com o **direito europeu** numa mão e a **Bíblia** na outra, tentamos abrir vias seguras e legais para os [refugiados](https://www.ihu.unisinos.br/624189-o-nosso-cinema-e-um-ato-politico-vamos-devolver-a-dignidade-aos-jovens-refugiados-entrevista-com-jean-pierre-e-luc-dardenne) que as leis internacionais e a consciência cristã nos impõem proteger e tutelar.

E assim aconteceu o milagre: diante das palavras vazias da política ou de propostas irracionais e imorais de muros ou bloqueios navais, os [corredores humanitários](https://www.ihu.unisinos.br/553922-nao-basta-acolher-os-refugiados-e-preciso-integra-los-entrevista-com-marco-impagliazzo) constituíram uma ação concreta e eficaz que permitiu a milhares de pessoas recuperarem suas vidas. Nos últimos anos, tenho falado muitas vezes dos **Corredores Humanitários** referindo-me a passagens bíblicas: uma, obviamente, é aquela do **samaritano** que, caminhando pela estrada, vê um homem ferido e resolve socorrê-lo, apesar da indiferença geral, das regras religiosas e das convenções sociais.

A outra é a da **ressurreição de Lázaro**. Nestes anos encontramos milhares de vidas quebradas, vidas que se extinguiam no desespero, na tragédia da guerra ou na dor das perseguições. Os corredores humanitários reacenderam a vida em pessoas que estavam morrendo, devolveram fôlego, sangue e músculos a corpos extenuados. Nesse sentido, têm sido uma pregação ecumênica no **espaço político europeu**: nossa forma de dizer que as [leis de imigração](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603586-barrados-pelas-fronteiras-pela-pandemia-pelas-leis-e-pelo-fogo" \t "_blank) estão erradas e precisam ser mudadas. Uma pregação ecumênica, mas também uma ação leigamente política, voltada para a construção de *lobbies*, buscando consensos e apoios na **Europa**.

O outro tema que põe em evidência a crise da globalização é a [guerra](https://www.ihu.unisinos.br/621139-a-ucrania-e-uma-guerra-que-atualiza-conceitos-e-nos-faz-repensar-sobre-a-globalizacao-no-seculo-xxi), esta guerra que se trava novamente na **Europa**. A globalização prometeu algo que não cumpriu: uma **ordem internacional** que, orientada para a supranacionalidade e visando o máximo desenvolvimento econômico, teria garantido a **paz**. Não foi assim e, novamente, estamos diante da mais clássica das guerras. É óbvio que, como **cristãos**, reagimos invocando a paz. Tudo parece mais complicado. Enquanto rezamos para que as armas se calem e nos mobilizamos para que isso aconteça o mais rápido possível, de fato, sentimos que também estamos diante de outro problema e outro desafio: a **resistência ao mal**. O mal de uma invasão militar ilegítima sob todos os pontos de vista; o mal da [violência militar](https://www.ihu.unisinos.br/622229-o-papa-contra-a-guerra-de-putin-de-quantas-mortes-ainda-precisamos" \t "_blank) que não poupa nem crianças e civis; o mal de uma evolução do conflito que ainda hoje exclui a via da negociação e do [compromisso diplomático](https://www.ihu.unisinos.br/624396-o-papa-nao-desiste-moscou-e-kiev-no-vaticano-eu-negocio" \t "_blank).

Invocar a [paz](https://www.ihu.unisinos.br/623573-guerra-na-ucrania-porque-agora-e-hora-de-confiar-na-paz) é justo e obrigatório, assim como orar pela paz e mobilizar-se pela paz.

No entanto, depois de meses de bombas caindo sobre as cidades martirizadas da **Ucrânia**, de [Mariupol](https://www.ihu.unisinos.br/619847-nos-espectadores-do-horror-eis-a-verdade-sobre-mariupol" \t "_blank) a **Zaporizia**, sentimos a urgência de uma intervenção, de uma decisão, de uma trégua que não chega. O **mal da guerra** parece destinado a continuar indefinidamente.

Mas o cristão não aceita o mal. [Bonhoeffer](https://www.ihu.unisinos.br/618824-a-licao-de-bonhoeffer-encontrar-deus-no-que-conhecemos) não se resignava ao mal total e absoluto que viu crescer ao seu redor durante os anos do **nazismo**; [Martin Luther King](https://www.ihu.unisinos.br/624393-paz-e-cuidado-joao-xxiii-e-martin-luther-king) não se resignou com o **mal racista** que impregnava a sociedade e a própria comunidade cristã da qual era pastor; [Desmond Tutu](https://www.ihu.unisinos.br/615583-adeus-a-desmond-tutu) não se curvou ao mal do ***apartheid*** e de um sistema de normas que criava hierarquias sociais, econômicas e jurídicas baseadas na **cor da pele**. Cada um deles, à sua maneira, enfrentou o problema de **combater o mal**. E este é o desafio que temos diante de nós hoje. Tal como acontece com as migrações globais, a política parece não encontrar soluções. Também não vemos aquele "povo da paz" que no passado marchava compacto pelo desarmamento nuclear ou pela guerra no Iraque.

No tempo da **pós-política** - uso uma nova expressão que ganha força porque reflete um processo real - tudo é **fragmentado** e incerto, confuso, fluido, a única certeza é que amanhã haverá outro bombardeio.

Diante desse [massacre de humanidade](https://www.ihu.unisinos.br/617089-guerra-russia-ucrania-o-papa-massacre-repugnante-desumano-e-sacrilego-a-comunidade-internacional-deve-se-empenhar-para-deter-isso" \t "_blank), até a voz dos cristãos é **dividida**. As divergências também atravessam a nossa comunidade de fé. É um escândalo, um dramático obstáculo à **credibilidade** da nossa fé. É por isso que é tempo de confissão de pecado e de oração.

Mas sabemos que podemos fazer, que devemos fazer ainda mais.

Eu me faço três perguntas.

Conseguimos dizer **ecumenicamente**, isto é, como cristãos de todas as tradições, que a [guerra não pode ser abençoada](https://www.ihu.unisinos.br/621724-bartolomeu-como-podemos-abencoar-esta-guerra-como-kirill-faz)? Que utilizar o nome de Deus para abençoar armas que matam e destroem é contra o desígnio de Deus? Este não é um pronunciamento político sobre a guerra, mas apenas uma cláusula espiritual que nos obriga a olhar para a guerra, sempre e em qualquer caso, como um **mal**, o pecado que carregamos como homens e mulheres.

Conseguimos dizer, unidos **ecumenicamente**, que a [paz deve ser justa](https://www.ihu.unisinos.br/620103-a-grande-quimera-de-uma-paz-justa) ou, simplesmente, não é paz?

A justiça vale quanto a paz. Como pedir ou mesmo impor uma paz a que não corresponda uma cota razoável da **justiça**? A proteção dos direitos fundamentais, o direito à autodeterminação de um povo, a segurança dentro das fronteiras. A história conheceu muitas pazes construídas com a **força** e a **opressão**. Não só duraram pouco como simplesmente transformaram o fragor das armas na violência dos aparatos de segurança e controle de uma **ditadura**. [Paz é justiça. Justiça é paz](https://www.ihu.unisinos.br/617474-paz-e-pacifismo-segundo-a-justica).

Finalmente, conseguimos dizer juntos que o uso de [armas nucleares](https://www.ihu.unisinos.br/620451-um-mundo-sem-armas-nucleares-e-possivel-artigo-de-jacques-gaillot) não pode sequer ser contemplado entre as opções militares plausíveis? Isso certamente vale para a **Rússia**, mas também para os aliados da **Ucrânia**, para os **Estados Unidos** e para o campo ocidental no qual a **Itália** se reconhece. Diante do cenário nuclear, a referência à teoria da “[guerra justa](https://www.ihu.unisinos.br/623058-livro-do-papa-francisco-eu-vos-peco-em-nome-de-deus-parem-a-loucura-da-guerra-nao-existe-uma-guerra-justa)”, mesmo que seja travada “por uma causa justa”, segundo a antiga fórmula escolástica, perde todo sentido e lógica.

Não sei se o **movimento ecumênico** conseguirá encontrar **unidade** em torno dessas três grandes questões mas é sobre essas questões que, dentro de algumas décadas, será julgada e avaliada a sua **credibilidade** e **coerência evangélica**. As religiões não são "naturalmente" vias de paz; pelo contrário, a história europeia conta-nos o quanto elas tenham generosamente e convictamente se dedicado à [guerra](https://www.ihu.unisinos.br/617426-quando-a-guerra-nao-e-mais-justa-as-interpretacoes-da-igreja-durante-a-historia-artigo-de-daniele-menozzi). No entanto, sabemos que em certos momentos agiram pela paz e que dispõem de um *soft power*, um “poder” que não se mede com tanques nem com dispositivos de dissuasão ou com a largura das fronteiras. É a força que deriva da sua **autoridade moral**, da sua coerência no **apoio aos últimos**, do fato de milhões de pessoas, talvez infringindo a lei, rezarem e louvarem a Deus, da sua capacidade de ver e anunciar um mundo e um futuro que outros nem conseguem imaginar.

Nos anos mais difíceis da **guerra do Vietnã** e pouco antes de sua morte, em um de seus sermões [Martin Luther King](https://www.ihu.unisinos.br/577467-cinco-decadas-depois-a-utopia-viva-de-martin-luther-king-jr) usou a metáfora da "**meia-noite da ordem moral**", quando tudo parece dobrado, resignado, regido por lógicas cínicas e violentas. Mas é nesta meia-noite que se acende e se anuncia a esperança da **fé cristã**.

<https://www.ihu.unisinos.br/624436-a-responsabilidade-das-religioes-na-crise-da-globalizacao-artigo-de-paolo-naso>